
Nuno Júdice,
A fonte da vida.
 Lisboa, Quetzal Editores, 1997.

1. Acaba de sair mais um livro de poemas de Nuno Júdice, *A fonte da vida*. Sendo a poesia de Júdice um exercício de questionação da escrita e da possibilidade reveladora da poesia, o poeta continua neste livro em busca da «sílabas inicial / do mundo, a interrogação do gesto nascente de todas as / origens» («Trabalho de casa», 144-5) e o título, *A fonte da vida*, para lá de marcar a busca antiga do contacto com a essência, acentua o desejo de concretização, de saciedade plena. Na poesia anterior do autor, tem cabido à poesia, «terra verbal» (75), a promessa de concretização, no sentido de construção da realidade; em *A fonte da vida*, o poder da poesia e a sua relação com a realidade retorna porém sob outras formas: se, por um lado, constrói a realidade, por outro, o poema ameaça por vezes a existência do poeta: «recebo o teu apelo sem nome, agora que me esqueço / de quem sou, eu próprio, perante o vazio que enche / esse canto de onde os teus olhos me fixavam» («Uma triste geografia», 74-5). Mas a novidade desta obra pode bem ser o anúncio de outros caminhos, outras temáticas.

O interlocutor feminino permanece como o receptor privilegiado do poeta e um elo fundamental da sua poética. Prefigurando a poesia ora na mulher, ora na palavra, ou em ambas indistintamente, e porque «[a] analogia é o ponto aonde o poema vai beber, / como se vai à fonte» («Figura com Realidade», 58), recorre a fusão da palavra poética com a mulher, do desejo da escrita com a amada e cabendo à mulher a construção do sentido, o que torna a realização através da escrita num acto de amor. Associada à poesia, a mulher tanto é criada na escrita, como é ela, com os seus «braços de raiz aérea», («Trabalho de casa», 144-

5), quem dá o sopro às palavras inertes na página, ou seja, quem preenche o espaço do sentido. Como se diz em «Figura como realidade» (58-9), «Escrevo-te agora por dentro deste poema. / Podia sonhar que vais nascer de dentro dele, ou / que estás dentro dele», mas é depois a mulher que se impõe ao próprio ritmo, «o ritmo / a que o poema obedece se não te encontrasse / em cada cesura, como se a tua imagem insistisse / em preencher os vazios da palavra.» Por isso, a poesia, acto de amor enquanto realização plena, é busca de uma voz carregada de sentido, uma voz coincidente com a mítica voz primordial, que se quer que anule, por fim, a nostalgia de uma ausência sempre presente, isto é, que consiga por fim colar o poema à realidade, realizar a fusão absoluta do poeta, do fazer poético, da palavra e da realidade — como o homem se fundiu com a jibóia, noutro poema:

Quando a perna do homem entrou
 na boca da jibóia, o homem
 tornou-se parte da jibóia. O sangue
 da perna e as secreções da jibóia
 tornaram-se parte do mesmo suco
 digestivo; e quando o homem, com
 um golpe de faca, cortou
 o pescoço da jibóia, cortou ao
 mesmo tempo a sua própria perna»

(«Zoologia: a jibóia», 27).

2. Sendo embora certo que o universo lexical e o estilo do autor se mantêm, assim como se nota a continuidade em relação aos livros anteriores, *Meditação sobre ruínas* e *O Movimento do mundo* (ambos de 1996), é possível entrever uma nova e interessante temática, o palpar de outras possibilidades. É assim que lemos, em *A fonte da vida*:

Em que limites começa o meu limite?
 Entre que marcos de fronteira alguma se marcam
 os extremos por onde passo ou não passo?
 De que ecos me são devolvidas as palavras

que não cabem nas frases em que só o amor ainda cabe?

São estas as fórmulas do princípio: daqui podem nascer os caminhos que não acabam, ou terminar esses becos que se adivinham num dobrar de esquina. («Estratégia», 76).

Esta ideia surge, aliás, logo na página de abertura, com a pergunta: «que vida permite, ainda, que se atravessem / pontes sem regresso, e se deixe para trás / a paisagem conhecida, o refúgio das margens?», num poema curiosamente chamado «Destino» (9-10), que, referindo-se a uma obsessão, deixa no entanto sentir uma ânsia de liberdade. Da mesma forma que relemos, ainda, em «Pragmática» (22-3) — talvez numa teorização renovada da poética de Nuno Júdice? —, que

o caminho mais simples é o que não passa por fronteira alguma; o que não obriga a que se olhe para o outro lado da linha; o que tem um princípio e um fim, mesmo que isso também seja complicado.

A confirmar-se esta nova direcção, dá-nos que pensar como a absorverá a poética anterior, ou que tipo de articulação exigirá aquela demanda da raiz antiga, comunhão de palavra e de ser, tão alheia a noções de limites. Por ora, permanecem, contudo, o lirismo e a harmonia, dando mostras de um desejo constante de ordem e perfeição, afinal o centro da desejada fonte da vida, na obra deste poeta.

Maria José Canelo

Rosa Alice Branco,
O único traço do pincel.
Porto, Limiar, 1997.

Em 1993 apareceu, publicado também pela Limiar, um interessante ensaio de reflexão estética assinado por Rosa Alice Branco, intitulado, *O que falta ao mundo para ser quadro*. O ensaio terminava com com um aparente, banal lugar comum: «O que falta ao mundo para ser quadro? *Falta-lhe rigorosamente ser quadro*» (p. 76). Numa das epígrafes que escolhe para abrir o seu último livro de poemas (atribuída a Zhuang Zi) — «Ao fim dos dez anos, Chuang-Tsu pegou no pincel e num instante, com um único traço, desenhou um caranguejo, o caranguejo mais perfeito que jamais se tinha visto» — Rosa Alice Branco estabelece com os seus leitores um pacto milenar, que teoricamente traçara no ensaio anterior: a construção do mundo reside no olhar humano (cf. *O que falta ao mundo para ser quadro*, p. 12). Uso aqui 'olhar humano' como metáfora para a arte e a poesia — o traço do pincel que dá sentido à vida. Em *O único traço do pincel*, o amor é a metáfora desta metáfora, apendizagem-de-ser na entrega total do humano, como no lirismo reinventado de «Os lábios do tempo» (p. 20):

Regresso às coisas simples
como se aprendesse o alfabeto
e tu me ensinasses a soletrar
a árvore onde damos sombra
o fruto que alimentamos com os lábios.
Ao meio-dia
o entardecer cavalga sobre nós
e à mesma hora
a noite chega com um traço
que afaga as cores da sombra.
É assim que alimentamos o tempo
e os animais sentam-se à espera das sobras
para escreverem a nossa história.

Afinal, mau-grado o caranguejo perfeito do pintor, o que dá sentido à poesia é o que